

Cap. 14 O conceito de felicidade em Aristóteles (parte dois)

Ramiro Marques

Ao contrário do que, mais tarde, os utilitaristas (1) defenderam, a felicidade não é sinónimo de prazer. Para Aristóteles, a felicidade não era nem uma emoção passageira, nem um estado de euforia. Era um estado de realização pessoal excelente. É claro que o prazer faz parte da felicidade, mas esta tem uma abrangência muito maior do que aquele. Quando um artista pinta uma tela de grande beleza, o sentido da realização pessoal e da perfeição vem associado ao prazer. Do mesmo modo, a pessoa que realiza uma actividade de forma excelente sente prazer. Contudo a felicidade é uma realidade interior, um estado de perfeição, que não se pode confundir com os bens exteriores, sejam eles os bens materiais, a glória ou a honra. A felicidade não depende apenas da vontade do sujeito. Há uma grande quantidade de factores presentes. A sorte é um deles. É preciso nascer com as disposições excelentes e certas para se alcançar a felicidade. As disposições intelectuais e de carácter são, de facto, as mais importantes. É possível, através da aprendizagem, melhorar essas disposições, mas alcançar a excelência não está ao alcance de todos, nem sequer de muitos. Por outro lado, uma pessoa pode possuir todas essas disposições de excelência mas essa capacidade para alcançar a felicidade pode ficar arruinada por um acidente, uma doença grave, uma calamidade natural ou a morte prematura de um ente querido.

Não podemos, também, identificar a felicidade com a posse de riquezas materiais. A posse de alguns bens é necessária, nomeadamente, para assegurar a subsistência, garantir o lazer e o ócio e receber e ajudar os amigos. Contudo, para além de um certo limite, as riquezas materiais constituem um estorvo.

A associação que Aristóteles faz de felicidade e excelência, fazendo depender aquela de uma vida intelectual dedicada à criação e

ao conhecimento, é muito estranha para quem vive no século XXI. A experiência parece contrariar a tese de Aristóteles. Vejamos alguns exemplos. Teve Nietzsche uma vida feliz? Pelos parâmetros de Aristóteles, a vida de Nietzsche é o paradigma da vida feliz, na medida em que ele dedicou a sua vida à criação intelectual, produzindo uma obra filosófica que constituiu um marco na história das ideias. Mas, se olharmos para os acontecimentos de vida de Nietzsche, não podemos afirmar que tenha sido uma vida feliz, na medida em que ele foi atormentado pela doença e passou os últimos dez anos da vida em estado de completa loucura. E Espinosa? Pelos parâmetros de Aristóteles, uma pessoa que produziu uma obra tão excelente e rara como a *Ética*, teve necessariamente uma vida feliz. Afinal, Espinosa dedicou toda a sua vida à criação intelectual e fê-lo de forma excelente. Mas, terá sido feliz? Espinosa foi perseguido e excomungado pela sinagoga de Amesterdão e a sua obra filosófica foi severamente criticada pela Igreja Católica, obrigando-o a levar uma vida quase clandestina. A sua obra-prima, a *Ética*, só foi publicada depois da sua morte.

Notas

- 1) Nomeadamente Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873). Sobre Bentham, visitar: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jeremy_Bentham e, ainda, <http://www.iep.utm.edu/b/bentham.htm>
Sobre Mill, visitar: http://pt.wikipedia.org/wiki/John_Stuart_Mill e, ainda, <http://plato.stanford.edu/entries/mill>